

MIGUEL CARVALHO

POR DENTRO DO CHEGA

CONFIDENCIAL

**A FACE OCULTA
DA EXTREMA-DIREITA
EM PORTUGAL**



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
PRÓLOGO	25
Nota do editor	35
DEUS	37
O TRIUNFO DA VONTADE	39
Um político tabloide	42
O Chega e os «netos» de Jaime	49
«Cheios de ódio e rancor»	55
O POPULISTA DE DEUS	58
E Deus descobriu as mulheres	62
«Ó puto, tem lá calma contigo!»	66
Dr. André e Mr. Ventura	68
Sexo, drogas e o romancista diletante	74
«Vejo-me como um serviço público»	80
A antecâmara do <i>bully</i>	82
«A culpa é do Benfica»	88
Um populista em construção	93
Pacheco de Amorim: a verdade da mentira	96
PECADO ORIGINAL E SUBMUNDO	104
O Frankenstein de Loures	110

PSD até dizer Chega!	113
O homem de ação.	119
A cisão estava escrita	124
Agressividade ao rubro	126
A evangelização do partido	133
Ventura e o <i>Zé da Esquina</i>	136
«Um partido de gente maluca...»	138
Chega aqui, Brasil.	143
Assinaturas: a grande trapalhada.	149
Chega, mas devagar: a saga do «Basta»	156
A viragem de Rita Matias	159
Hells Angels ao jantar.	161
Como chamar a atenção.	164
Europeias 2019: é fazer as contas...	169
Era uma vez em Algés.	172
 SALAZAR 2.0?	 176
O Chega e as sombras.	177
A cor do dinheiro	182
Programa? Qual programa?	189
 O «HITLERZINHO DE MERDA»: UMA TARDE NO ESTORIL.	 192
Chega, ano 1: para maiores de 18.	192
Ventura eleito, país no divã	208
Alentejo: ir aonde ninguém ia	209
Era uma vez o PCP	212
A ressaca do PSD	215
E Cléon entrou na Assembleia.	217
Chamem a polícia.	223
 O CAVALEIRO DAS TREVAS	 229
Porta aberta a extremistas	231
Graça, a «besta negra»?	234
Machado, NOS e o Chega	239
Áustria não, jantares sim	241

OS DIAS DO «VALE TUDO»	243
Milícias de perfis falsos	247
Telemóvel, a «máquina de guerra»	253
 CHEGA INTERNACIONAL CLUBE	 258
Lourenço: a última entrevista	261
 O REINO DO PREGADOR VENTURA	 279
O brasileiro Drummond	282
O partido e as massas	284
Touradas, Cristina e fúria	292
Estranhos no seu próprio país	295
O Messias em Portalegre	299
Ventura, o antídoto	303
 DEUS NO COMANDO	 308
Como confinar ciganos.	310
Adesão e revolta evangélica	314
Da Maná ao convite do Chega	319
A igreja que não se vê	321
O maná Chega	326
O «cisma» de Braga	331
Da família PT ao Chega	333
 PÁTRIA	 341
 CONTRA AS ELITES, VENHAM AS ELITES	 343
Convidados de luxo.	346
Coleta de província.	350
América proibida	352
Realidade alternativa	355
O mistério húngaro	358
O amigo Orbán	360
Chega e Orbán: as falsidades	365

BEM-VINDOS AO LODO	368
Um partido na lama	374
Coca: «assunto classificado»	377
QAnon à portuguesa.	383
Com a «verdade» me enganas	387
O pantanal é aqui	391
Sousa Uva sem filtro.	397
«Agora apareceu alguém para ajudar...»	400
«O Chega subiu-lhe à cabeça»	402
 O SEGREDO DOS AÇORES	 406
Chega para aqui, Chega para lá	408
O acordo segundo Rio	412
Visto dos Açores	415
Como combater o Chega	417
 OS «INIMIGOS DO POVO»	 420
O salvador da pátria	423
<i>As lições do Tonecas</i> , versão Ventura	426
Uma campanha à Trump	428
Ameaças e intimidações.	431
Eu, agente infiltrado.	434
«Temos de jogar baixo»	439
 AUTÓPSIA DE UM CRIME.	 443
Uma família contra o populismo	444
Memórias de Leonor	447
 VIAGENS NO PAÍS DO CHEGA.	 453
Hammerskins nas listas	457
Manual de campanha	461
Jenny e o sistema	464
E o Porto aqui tão perto.	466
Quase «morto» no deserto.	467
Os «segredos» de Cidália	470
A «moura» de Ventura	473

Voto e debandada	477
Mithá, um intelectual no Chega	480

FAMÍLIA	497
--------------------------	------------

CHEGA UNIPESSOAL	499
O CSI do Chega	500
Cativar as elites.	502
Coimbra: eu <i>show</i> Ventura	507
O guardador de rebanhos	509
Deus & Chega, Unipessoal	513
Tudo em família	517
Sindicalismo não é aqui	521
Dr. Arroja ataca de novo	523
Plágio, Salvini e Fátima	526
YMCA e a «falha identitária»	527
Chega, versão académica	529
Ventura: dizer e fazer	532
Como camuflar donativos	534
De congresso em congresso	537
Poder total.	540

DO PPM AO CHEGA: OS CADERNOS DE TÂNIA	544
Viver no PPM	546
«Muitos generais e poucos soldados»	549

«SE ISTO NÃO É O FIM DO MUNDO...»	554
Maria Helena Costa: um dicionário.	558
A aliança luso-brasileira	571
Memórias de António Ferro	574
Kim de Mem Martins	576
A última tentativa do pastor Tito	582
Gerardo atrás do pano	583
Subterrâneos digitais	585

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA DIREITA <i>HARDCORE</i>	588
Dois deputados «de bem»	590
As piruetas de Ralha.	595
Um partido de alta tensão	597
E Ventura «privatizou» o Chega	600
E o polícia zangou-se... ..	604
Agência de empregos	607
 O «BRAÇO ARMADO» DO CHEGA	609
Quem são eles.	610
Fora da lei	613
Chega escondido... ..	614
Os sinais de alarme.	617
 PASSA POR MIM EM SANTARÉM	620
Um partido capital	621
Universos paralelos.	623
Noites de Santarém	625
 TRABALHO	629
 AS MIL E UMA REDES DA DIREITA	631
O «consórcio» das direitas.	632
Ventura, «baita quadro».	635
Mithá, o Chega e as «redes»	637
De Leiria para a extrema-direita	640
Matias: o «braço» religioso	641
<i>Imagine</i> e os «tolos»	645
As duas faces do Chega.	649
Ambiguidade é combustível.	651
Um partido maior do que é	654
 REGRESSO AO BASTIÃO ALENTEJANO	656
Histórias de imigração	657
O crime do «Cabra Alta»	661
Moura e os ciganos	664

Nixon e o chefe dos «correios»	666
O «patriarca» de Portas	669
Moisão, Avante! e Chega	671
Como o Alentejo mudou	674
 O «TERRAMOTO» ESTAVA ESCRITO	677
«Luz da razão»	679
Abençoado e infiltrado	684
O criador Tavares	688
Um partido «pega-tudo»	690
O Texas pode ser aqui.	694
Cartografia do Chega	695
Como se faz um «exército»	696
Extrema-direita: a barreira invisível?	700
Limpar Portugal ou o Chega?	702
O grande salto em frente	703
Democracia, <i>reset</i> ?	707
 FUTURO, AGORA	710
E o Chega entrou nas aulas...	712
Ritas, Mileis e TikTok	716
A extrema-direita é <i>cool</i> ?	718
Vão-se os filtros	720
Os novos fenómenos	723
Eleitores de hoje e de amanhã	726
2025 e depois?	732
 FONTES, LEITURAS E INSPIRAÇÕES	735
ANDRÉ VENTURA E O CHEGA: UMA CRONOLOGIA BREVE	747
AGRADECIMENTOS	749

INTRODUÇÃO

O Chega foi fundado em 2019 para combater «o sistema».

Para André Ventura, fundador e presidente do partido, o regime saído da Revolução de 25 de Abril de 1974 originou uma classe política corrupta, um país falido, uma justiça protetora dos «bandidos» e gerações de «subsidiodependentes» dos recursos do Estado, com imigrantes e minorias à cabeça. Por isso, propõe-se refundá-lo.

Estará o Chega à altura da missão ou será, ele próprio, o mais recente e ameaçador produto ideológico, de safra extremista, a alimentar-se da degradação democrática e da descredibilização da política?

Em que medida o Chega acolhe e amplifica as perversões do sistema que diz combater? De que engrenagens depende e como reciclou, inclusive no território digital, causas antigas da ultradireita marginal? Como seduziu, encenou e capitalizou o ressentimento, o desencanto e a sensação de abandono das geografias zangadas com a ação governativa? Como se impôs de forma agreste e disruptiva na paisagem política, atraindo largas e variadas camadas da população, mesmo as mais improváveis?

Que métodos usa, de que recursos dispõe? Como nasceu, cresceu e se preparou para alcançar o poder? Por onde andava, afinal, o «país Chega»?

Caro leitor, estas páginas poderão deixá-lo agoniado, confuso, enjoado. Com náuseas. É de propósito. São muitos nomes, episódios e histórias cruzadas. Anos violentos, vertiginosos, com muitos segredos, protagonistas, reviravoltas.

Talvez queira sair a meio da montanha-russa ou do carrossel.

A minha esperança é que faça a viagem até ao fim, mesmo quando estes capítulos o deixarem mareado. São muitos e variados os bastidores, as circunstâncias, os hábitos, os interesses, os comportamentos. São muitos os nomes, repito, mas leia este livro como se observasse, de perto e na intimidade, desavenças, arrufos e desfechos de uma família política que irrompeu no quotidiano nacional como um *tsunami* que tudo varre, da convivência democrática aos alicerces de uma República em liberdade.

Grande parte dos últimos seis anos foi passada a estudar o Chega e, depois, a escrever sobre ele. Fi-lo em nome do jornalismo em que acredito, colocando-o ao serviço do debate político esclarecido e do aprofundamento da qualidade da democracia, hoje ameaçada por protagonistas e recicladas assombrações de um passado que julgávamos enterrado.

Chamar ao Chega partido fascista ou de extrema-direita contém alguma verdade, mas está longe de ser toda a verdade. Importa, pois, não confundir o seu eleitorado com quem manda, dirige ou nele investe pequenas fortunas para defender interesses individuais ou de casta. As razões de uns nem sempre coincidem com as motivações de outros. Os seus eleitores, para lá das tribos mais ou menos racistas, xenófobas, saudosistas, oportunistas ou fanáticas, têm traços comuns a outras forças políticas: a desilusão com os aparelhos partidários, a indignação pela forma como o Estado e o bem comum são geridos, a revolta contra a negligência, o esquecimento e o abandono. O Chega, porém, também organiza emoções e sentimentos que estavam dispersos, submersos ou nas franjas da sociedade. E incorpora doses de ressentimento, raiva, ódio, desprezo, desespero e preconceito nunca vistos no plano nacional.

Se algo podemos verificar neste tipo de partido é o facto de projetar nos adversários os pecados e vícios que habitualmente comete longe dos holofotes.

A maioria dos capítulos que vai ler neste livro é material inédito, mas contém ainda textos, artigos, reportagens e investigações que publiquei, na esmagadora maioria, na revista *Visão*, e uma pequena parte no *Público*. Foram adaptados, retalhados ou desenvolvidos, mas o essencial, e novo, foi recolhido a partir de milhares de páginas de documentos que nunca viram a luz do dia. São também fruto do meu olhar sobre eventos ou acontecimentos que presenciei ou de que tive conhecimento através de fontes fiáveis, bem como mais de uma centena de entrevistas e depoimentos sobre momentos-chave da vida do Chega. Quis, genuinamente, conhecer este movimento histórico em todas as suas facetas. Não me contentei com telefonemas nem guardei uma distância higiénica, como muitos me recomendavam.

Almocei, jantei, partilhei horas e dias com os seus dirigentes, militantes e apoiantes nas mais variadas circunstâncias. Fi-lo, muitas vezes, sem olhar para o relógio, querendo perceber, entender, ouvir e conhecer as suas biografias antes do Chega, também por acreditar que nelas estaria a explicação para o caminho político que, a dada altura, tomaram.

Por alguns, esperei um ano. Ou mais. Por outros, não tive de esperar.

Muitos dos que, no início, me insultavam nas redes sociais ou ao vivo acabaram por me confiar documentos e revelações. Alguns nem sequer precisaram de romper relações com o Chega para falarem comigo. Ainda lá estão. Têm os seus estados de alma. Entre as minhas fontes no partido, tenho quem ainda me envie postais pelo Natal. Talvez porque, independentemente de todas as diferenças e propósitos, foi possível definir um lugar de encontro, civilizado. Não necessariamente concordante, mas um lugar onde, num mundo polarizado, atomizado e de trincheiras cavadas, alguns diálogos e conversas ainda possam acontecer e sobreviver ao frenesim e à espuma dos dias. Para memória futura.

Numa época em que «as pessoas não falam sobre os assuntos, falam umas contra as outras», como diz Gábor Tompa, dramaturgo e encenador romeno-húngaro, talvez essa consciência seja o oxigénio de que precisamos. Este livro, investigação e memória sobre os primeiros anos do Chega para a política portuguesa, a democracia

e a saúde da República, deve muito ao que os seus fundadores, dirigentes, militantes e eleitores, de Portugal inteiro (e também do estrangeiro), me confiaram ou revelaram. Sem eles, não haveria o Chega nem existiria este livro. Convém não esquecer que o Chega não veio de Marte.

O jornalismo, pelo menos como eu o entendo, deve comprometer-se com o escrutínio público democrático e a defesa dos direitos consagrados na Constituição, com as conquistas da liberdade e do progresso humano, sob pena de não conseguir olhar-se ao espelho. Não pode normalizar nem agir como megafone de discursos, narrativas, percepções e argumentos que distorcem e fragilizam a democracia. O seu trabalho de casa é aprofundar e velar pelo debate de ideias que assegure e amplie o esclarecimento público sem se tornar parte ativa das trincheiras partidárias, agente ativo da desinformação ou mero ofício de arremesso. Como escreveu Isabel Lucas, jornalista que admiro, o nosso «porquê» não pode ser o da arrogância, da sobrançeria, mas o da verdadeira vontade de perceber. Mesmo que não abdicuemos de escrever — e eu não abdicó — de forma incisiva.

A história do Chega é também a de um político forjado no sensacionalismo, com um poderoso microfone, dono de um discurso incendiário e de um partido que o aplaude em apoteose. Atrás do pano, essa mesma força política também se revela um cortejo de traições, intrigas, *vendettas* e disputas sanguinárias pelo poder, por vezes com relevância criminal.

O meu desafio foi, pois, tentar contar a minha versão da história do Chega com a profundidade, a arte e a sedução da novidade, mesmo a quem já possa ter opiniões fortes sobre o partido e o seu líder. No fundo, tentar levar o leitor para dentro do Chega, inseri-lo nas conversas, nos episódios, nas narrativas, como se tivesse lá estado e, assim, conhecer, pela minha mão, o que a sua fachada pública por vezes oculta ou ilude. Se o consegui ou não, o leitor dirá, mas tenho plena consciência de que estas não são páginas fáceis.

Diz o historiador italiano Emilio Gentile que a palavra «fascismo» não significa nada quando se torna uma palavra que se pode aplicar

a tudo. «É como máfia», explica. «Se tudo é máfia, nada é máfia.» O que deve procurar compreender-se e narrar, sugere, «é o presente». A idade «selvagem» do presente e a idade dos «selvagens» no seu estado de ignorância, angústia e hostilidade. E fazê-lo com a noção de que uma democracia pode assumir, ironicamente em nome da soberania popular, características que a violentam e destroem. Os instintos humanos, os mais perversos e autoritários, continuam cá, mas, como disse alguém, os populistas não podem trovejar contra problemas que já foram resolvidos. Talvez seja essa a lição para o futuro.

M. C.

Porto, junho de 2025

MIGUEL CARVALHO

POR DENTRO DO CHEGA

Fundado em abril de 2019, o Chega apresentou-se ao país para defender os «portugueses de bem», «arrasar» o «sistema», «limpar» Portugal dos «bandidos», «expulsar» imigrantes e erguer a «Quarta República».

Forjado no sensacionalismo, o partido que galgou a escada do poder até se tornar a segunda maior força parlamentar em 2025 revelou-se um projeto político dominado por contradições, casos, *vendettas* e ambições desmedidas. Provocador em todas as linhas políticas que apresenta, trouxe polarização à vida democrática, cavalgou preconceitos e contribuiu para extremar a sociedade.

Mas quem financia o Chega? Que enredos esconde? O que revelam os bastidores? A que redes internacionais está ligado? Como convive com saudosistas da ditadura e neonazis? Quais os perfis, percursos e métodos que disputam influência interna? Como atraiu eleitores de outros partidos? Que correntes religiosas e políticas disputam o poder? Como usa e reinterpreta o passado e a atualidade para conquistar setores sociais fragilizados, jovens e zonas negligenciadas do país?

Esta é a investigação que revela a face oculta do Chega.

Com recurso a milhares de páginas de documentos inéditos e largas dezenas de entrevistas exclusivas com fundadores, financiadores, atuais e antigos dirigentes e militantes, *Por dentro do Chega* é, sobretudo, um retrato do partido por aqueles que o criaram e o fizeram. Sem filtros.

Miguel Carvalho, premiado jornalista, leva o leitor numa viagem às entranhas da direita radical populista e do «país Chega», evidenciando as consequências das suas opções e práticas políticas para o regime democrático.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

editoraobjectiva
 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-143-6



9 789895 891436